

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**NITIELLE FLORIANO DIAS**

**CORPOREIDADE E EROTIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS  
ESPAÇOS SOCIAIS: O CASO DA UNIVERSIDADE.**

**Itaqui  
2019**

**NITIELLE FLORIANO DIAS**

**CORPOREIDADE E EROTIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS  
ESPAÇOS SOCIAIS: O CASO DA UNIVERSIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia.

Orientador: Paulo Roberto Cardoso da  
Silveira

**Itaqui  
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

N481o Dias, Nitielle Floriano

Corporeidade e Erotização da Mulher Negra nos Espaços Sociais: o caso da Universidade – 2019.  
32 p.: il.

Orientador: Paulo Roberto Cardoso da Silveira  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, Campus Itaqui, 2019.

1. Corporeidade. 2. Erotização. 3. Mulher Negra. I. Espaço Universitário. II. Título.

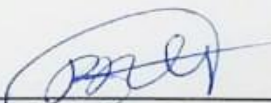
NITIELLE FLORIANO DIAS

CORPOREIDADE E EROTIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS ESPAÇOS  
SOCIAIS: O CASO DA UNIVERSIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Bacharelado  
Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia  
da Universidade Federal do Pampa, como  
requisito parcial para obtenção do Título  
de Bacharel Interdisciplinar em Ciência e  
Tecnologia.

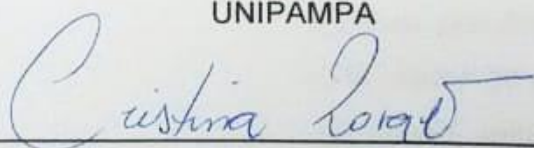
Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25 de novembro  
de 2019.

Banca examinadora:



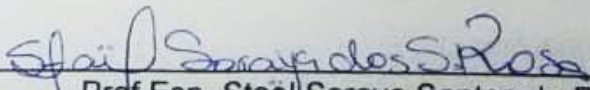
---

Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira  
Orientador  
UNIPAMPA



---

Prof. Dr. Cristina dos Santos Lovato  
UNIPAMPA



---

Prof. Esp. Staël Soraya Santos da Rosa  
(SEDUC-RS)

*“Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, ao meu pai David, minha mãe Gladis e aos meus irmãos e sobrinhos. Dedico também, a todas as mulheres, principalmente, a todas as mulheres negras.”*

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde, força e principalmente persistência, permitindo que tudo isso acontecesse. Aos meus pais David e Gladis, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, agradeço à Universidade Federal do Pampa, pela oportunidade de fazer o curso e a todo o seu corpo docente, direção e administrativo. Ao meu orientador, prof. dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira, pela orientação, apoio e principalmente paciência! Agradeço a todas professoras e professores por me proporcionar o conhecimento e por terem me feito aprender. A todas e todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meu muito obrigado!

*“Em uma sociedade racista, não ser racista não é o bastante. Temos que ser antirracistas”*

*(Angela Davis)*

## RESUMO

No Brasil, na era colonial, a população negra foi submetida aos horrores da escravidão e como consequência disto, o preconceito racial e a imagem de inferioridade do negro continuam presentes na nossa atualidade. Com as ações afirmativas aumenta a presença das mulheres negras na Universidade. Essa pesquisa busca problematizar a inserção da mulher negra no espaço acadêmico, partindo de suas percepções e vivências. Através de revisão bibliográfica, resgate-se o processo histórico de dupla discriminação racial e de gênero, enfatizando a erotização do corpo da mulher negra e sua imagem como “objeto” desejável. Através de entrevistas por meio eletrônico com as estudantes Universitárias negras pretende-se compreender como estas, em um ambiente sociocultural, (a fronteira oeste gaúcha), marcado pelo machismo e preconceito racial, percebem a opressão contida na dualidade entre o corpo como elemento constitutivo da identidade do ser mulher e corpo como instrumento de prazer. Com base na análise do discurso das mulheres negras, percebe-se uma consciência da presença da erotização nas relações de sociabilidade estabelecidas e revelam-se os instrumentos por elas adotados para enfrentar a violência simbólica e desconstruir as relações de dominação.

Palavras-Chave: Corporeidade, erotização, mulher negra, espaço Universitário.



## ABSTRACT

In Brazil, during the colonial era, the black population was submitted to the horrors of slavery. As a consequence, the racial prejudice and the image of inferiority of the black people are still present nowadays. With affirmative actions the presence of black women in universities increases. This research has as the main purpose to problematize the insertion of black women in the academic space starting from their own perceptions and life experience. Through bibliographic revision, the historic process of double ethnic and gender discrimination is being rescued, empathizing the body erotization of black women and their image as an "object" of desire. Over interviews by electronic means with black female university students, this article's intendance is to comprehend how these women, in a sociocultural space (the west coast of the south), marked by the machism and racism, realize the oppression included within the duality between the body as a constitutive element of the identity of the woman as a human being and the body as a vehicle of pleasure. Based on discursive analysis of black women, it is possible to perceive a conscience about the presence of erotization within the relations of sociability established and the instruments adopted by them to confront the violence and to break down the relations of dominance.

Keywords: body conscience, erotization, black woman, university space

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1 CONTEXTUALIZANDO A “MULHER NEGRA” .....	15
2.2 A EMERGÊNCIA DA MULHER NEGRA.....	17
2.3 MECANISMO DE INCLUSÃO: A mulher negra no ensino superior público.....	19
3. METODOLOGIA.....	21
4. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
6. REFERÊNCIAS.....	25
7. APÊNDICE.....	27

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, na era colonial, a população negra foi submetida aos horrores da escravidão. Considerados como seres sem alma pela igreja católica, os negros por muito tempo foram brutalmente torturados e humilhados. Após a abolição do regime de escravidão não foram dadas opções de inserção social aos negros, condenados a desigualdade de condições em relação aos demais cidadãos brancos; sem acesso à propriedade e sem acesso à educação, tornam-se obrigados a povoar as periferias dos centros urbanos em crescimento, onde não há estrutura e nem serviços públicos de qualidade que garantam uma vida digna.

O preconceito racial contra a população negra continua presente na atualidade; séculos se passaram, avanços tecnológicos revolucionam as formas de sociabilidade, mas no imaginário social a imagem da inferioridade do negro permanece arraigada. Diante deste contexto, as dificuldades de inserção social é uma realidade que a população negra enfrenta, sobretudo quando se trata da mulher negra, pois a qual sofre por dois processos: o de marginalização por ser negra e o de dominação por ser mulher. Ser mulher e ser negra é cumprir tarefa dobrada nessa obrigação de servir aos outros (SOLNIT, 2017, p.70).

Na era da escravidão, as mulheres escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de repressão sexual. Enquanto as punições mais violentas atribuídas aos homens incidiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e estupradas. Percebe-se então, que nesse caso há a invisibilidade do gênero quando se buscava fins lucrativos, explorando a mão de obra da mulher negra como se fosse homem; e só eram vistas como mulheres quando eram objeto de satisfação sexual dos senhores de escravos.

Quando se olha para o corpo da mulher negra, é preciso entender que ele vem permeado de valores e sentidos construídos histórica e socialmente. Assim, quando se pensar esse corpo, primeiramente se faz necessário pensar que lugar o corpo negro ocupa em nossa sociedade. Nesse sentido, a corporeidade, segundo BASTOS (2019), guarda a herança de todo esse processo evolutivo, configurada enquanto unidade multidimensional, na qual podemos identificar diferentes dimensões que são subsistemas (partes-todo) de um sistema (todo-partes) que caracteriza a subjetividade humana; esta por sua vez, faz parte de sistemas maiores constituídos nas sociedades- culturas humanas. É através do corpo que podemos identificar o ser, a existência e a

condição de indivíduo-sujeito, os quais remetem à unidade complexa organizacional sistêmica (corporeidade).

A presente pesquisa tem como objetivo Investigar a inserção da mulher negra em um espaço social (universidade), compreendendo as representações sociais em relação ao corpo negro; e como objetivos específicos, realizar um resgate bibliográfico sobre a história da mulher negra e suas representações sociais na Universidade; analisar as representações sociais da mulher negra em relação ao processo de erotização do corpo negro e identificar as percepções das mulheres negras sobre a relação entre corporeidade, erotização e sociabilidade no espaço social investigado; desse modo, pretende-se analisar o fenômeno da corporeidade e erotização da mulher negra, buscando entender os mecanismos de sua inserção no espaço universitário, onde recentemente adentra via ações afirmativas.

Esta pesquisa está organizada em quatro partes, além desta introdução. No capítulo 2, conceitos gerais e revisão de literatura, onde encontram-se os principais conceitos e a estruturação teórica que sustentam esta investigação, bem como a construção do objeto desta investigação. No capítulo 3, metodologia, são esmiuçados os caminhos metodológicos que possibilitaram esta análise. No capítulo 4 são apresentados e analisados os principais resultados desta investigação, que é seguido de um pequeno fechamento nas considerações finais.

## **2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA**

A escravidão ocorre desde a origem de nossa história; no Brasil desde o período colonial, os portugueses transportavam os escravos, oriundos do continente Africano, visando sua utilização como mão-de-obra escrava na produção e nos engenhos de cana-de-açúcar. Com a intensificação do tráfico negreiro, sem nenhum limite quanto à crueldade praticada, visava-se somente o lucro, na venda de homens, mulheres e crianças; a travessia do oceano atlântico era horripilante, em razão de ser feita nos porões dos navios negreiros, com os negros empilhados da maneira mais insalubre e desumana que se possa imaginar. Esta população foi submetida aos horrores da escravidão por três longos séculos, considerados e legitimados como seres sem alma pela igreja católica, sendo por muito tempo vítimas das mais severas punições.

No ano de 1500, os europeus "descobriram" o Brasil, iniciando sua exploração e colonização por seu território, e deixando marcas de muito sofrimento, através do trabalho escravo e das incontáveis vidas perdidas, com o objetivo de enriquecer um país que se encontrava muito distante de nós, Portugal. (SAMPAIO, 2003, p. 4).

Segundo SAMPAIO (2003), os negros que habitavam uma terra distante, já conheciam a vida escrava, devido às explorações inglesas em seu território. Sua cultura já se encontrava modificada, já sendo conhecedores do sofrimento. Os escravos viviam em condições de miséria, com peça de vestuário velha, trabalhavam de sol a sol, dormiam amontoados em grandes senzalas e com quase nenhuma higiene. Esta população viveu por três longos séculos em condições desumanas, considerados apenas, como propriedades vivas de outro ser humano.

Após a abolição do regime de escravidão, em 13 de maio de 1888, que nos parece mais simbólica que real, não foi dado ao negro reais possibilidades de inserção social. Segundo SAMPAIO (2003), o negro sempre encontrou barreiras para a sua integração à sociedade que, mesmo que quase imperceptivelmente para muitos, continua a produzir os reflexos de muito preconceito e desigualdade em relação a população branca. Conforme FERNANDES (2008), no momento da abolição da escravatura, o negro não estava acostumado a muitas coisas, inclusive, à liberdade, não havia mais um lugar para eles; sua importância acabara com o fim da escravidão. Pois sem acesso à propriedade e sem acesso à educação, foram para a área urbana em busca de melhorias, onde lá também não havia espaço para essa população no sentido de ter trabalho com boa remuneração, moradias dignas, escolas ou acesso aos serviços de saúde

Esta mudança de “estado social” não fez com que a imagem inferiorizada do negro mudasse; mesmo sendo expropriados da sua condição de seres dependentes e submissos, condição imposta pelo colonizador europeu, não lhes forneceram meios para lidar com a nova realidade que lhes esperava. O desamparo social, fez com que a única direção para uma grande parte dessa população negra, recentemente “liberta”, fosse a marginalização. E como esperar outra situação, se esses seres humanos não tiveram possibilidade, para aprender a se comunicar, pois durante esses longos três séculos foram vedados de todos os seus direitos, não tinham o direito de aprender ler e nem escrever, sendo que alguns faziam isso de forma velada,

o que não resultava em um eficiente desempenho. Na perspectiva de Florestan

Fernandes,

as mulheres tiveram mais sucesso na busca por trabalhos. Umas domésticas, outras trabalhando como lavadeiras, engomadeiras, costureiras (em suas próprias moradias), entre outras ocupações passaram a ser quase que totalmente as provedoras dessa parte do “elemento negro” na condição de “servidão disfarçada”. (FERNANDES, 2008, p.5).

Esta nova fase de vida, pela qual, se esperou tanto, quando finalmente chegou, a realidade era completamente diferente do que fora imaginado. Dessa forma, a luta dos negros por um espaço naquela sociedade era desumana; estavam sozinhos “abandonados à própria sorte” (FERNANDES, 2008).

Em posição dominante, se encontrava o branco, figura opressora e castradora, na sua meta de enriquecimento e a cristianização dos povos "pagãos". Esta situação se arrastou por três longos séculos, trazendo custos humanos devastadores para a população negra e que até hoje permanecem, sob forma de preconceito. Os negros, em posição submissa, perderam sua liberdade de expressar livremente seus sentimentos, e tiveram que fazê-lo de forma velada, para não perderem totalmente suas raízes. Contudo, não podemos apagar todo o sofrimento vivido durante a escravidão, e que perdura até os dias de hoje (SAMPAIO, 2003, p. 5).

Mas para além da exclusão social e econômica, o negro é submetido aos efeitos de um imaginário social racista, onde o associavam a valores morais negativos como a indolência (aqueles que não sentiam dor e por conta disto poderiam ser submetidos a todas as formas de punições) e a inferioridade intelectual. Esta marca persegue a população negra e a oprime, alijando-a dos melhores postos de trabalho e de determinados espaços sociais como a Universidade.

## 2.1 CONTEXTUALIZANDO A “MULHER NEGRA”

Diante deste contexto, os obstáculos obtidos de inserção social é uma realidade que a população negra enfrenta, principalmente quando se trata da mulher negra, por sofrer um duplo processo: o de marginalização, o qual está interligado a sua cor e a representação que esta cor carrega perante os olhos da sociedade;

segundo Mary Jane P. Spink,

as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a representação é uma construção do sujeito enquanto sujeito social. Sujeito que não é apenas produto de determinações sociais nem produtor independente, pois que as representações são sempre construções contextualizadas, resultados das condições em que surgem e circulam (SPINK, 1993, p.1).

Diante do processo de dominação, a mulher negra se encontra no tange a questão de gênero em posição de subalternidade. Conforme SCHELESENER (2016), subalterno é aquele que não tem oportunidade de produzir seu pensamento e manifesta-se, na maioria das vezes, quando lhe “dão a voz”, ou seja, ainda no contexto da subordinação e do domínio dos dirigentes. Subalterno é aquele que não pode falar, que não tem voz. (DIAS apud SCHELESENER, 2012, p.5).

Assim como os homens, segundo RODRIGUES (2012), as mulheres negras e escravas foram reduzidas à condição de “máquinas vivas” para o trabalho. No passado, elas viviam submetidas ao trabalho duro, que exigia a mão-de-obra bruta, punições e grande violência sexual.

Como mulheres as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas (DAVIS, 1981, p. 26).

Por meio deste relato da autora Ângela Davis, chama a atenção que, as escravas eram desprovidas de gênero para o proprietário de escravos já que eram vistas não menos que os homens, quando se trava de ser uma unidade de

trabalho lucrativa. Onde o gênero só aparece então quando se trata de satisfazer os desejos sexuais dos senhores de escravos.



A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas ( DAVIS, 1981, p. 37).

Essas mulheres resistiam e desafiavam a escravidão o tempo todo, por isso quando se olha para o corpo da mulher negra, é preciso entender que ele vem permeado de valores e sentidos construídos histórica e socialmente.

Enquanto carne, o corpo é ele próprio dotado de um espaço de constrangimentos e potencialidades crucial quer na configuração de sentido que lhe é atribuída socialmente, em virtude das características que são particulares a cada corpo (sexo, idade, cor da pele, peso, silhueta, estado de saúde, etc.), quer enquanto estrutura formal e condição necessária de qualquer ação social, dotada de um conjunto de poderes e capacidades socialmente capitalizáveis e geridos (MAUSS, 2008, P. 17).

Assim, quando se pensar esse corpo, primeiramente se faz necessário pensar que lugar o corpo negro ocupa em nossa sociedade. Nesse sentido, a corporeidade é tudo aquilo que atribuímos ao corpo no decorrer da vida, guardando a herança de todo nosso processo evolutivo. É através do corpo que podemos identificar o ser, a existência e a condição de indivíduo.

O corpo da mulher negra vem regado de historicidade, o fato de se ver como mulher e ainda mais como mulher negra torna-se um desafio, uma postura de discernimento, e essa decisão ou até mesmo aceitação do seu eu, faz com que uma grande parcela das mulheres negras omitam a sua real ascendência étnica, optando a se identificarem como pardas. Sabe-se que a ótica de ser pardo é menos impactante na sociedade em que vivemos, é atrelado ao que torna-se considerado “mais privilegiado” diante de uma sociedade racista. O corpo da mulher negra está entrelaçado a um passado, não muito distante, onde o corpo negro era animalizado, coisificado e não era visto como humanizado.

## 2.2 A EMERGENCIA DA MULHER NEGRA

Contribuir com discursos destinados ao empoderamento das mulheres em nossa atualidade é de suma importância, principalmente quando se trata das mulheres negras, pois as mesmas, crescem convivendo com grande destaque conferindo as suas irmãs brancas, onde o discurso hegemônico é: ser mulher branca é sinônimo de leveza, beleza e inteligência. E o corpo da mulher negra, neste discurso, é aquele onde a dor é suportável, os traços são fortes e marcantes, “corpo que não sente tanto frio, pois a pele escura aquece”, corpo que seduz porque carrega o fascínio em sua tez. Segundo a autora Patrícia Hill Collins, esta imagem

realmente se refere às ideias que são aplicadas às mulheres negras e que permitem que outras pessoas as tratem de determinado jeito. E se as mulheres negras acreditam nessas imagens, elas internalizam esse comportamento e se portam de determinada forma. (Patrícia Hill Collins, em entrevista à revista GELEDÉS, 2019).

O ser mulher negra está relacionado a um imaginário social, onde é percebida com um ser inferiorizado, relacionado a malevolência, a indolência e a inferioridade intelectual. Neste contexto, muitas dessas mulheres, hoje, após muitas reivindicações e discursos exigindo seu reconhecimento como ser humano e seus direitos como mulheres, carregam grandes títulos, grandes posições na sociedade, grandes contribuições filosóficas na pesquisa e ciência. Mas isso não faz com que a imagem inferiorizada relacionada a sua cor se disperse do seu corpo, passando a maioria das vezes, se não sempre, despercebidas, imersas em seus papéis sociais subalternos como: empregada doméstica, babá, por estar carregando o seu próprio filho(a) branco (a), a empregada da sua própria casa quando esta fica em um bairro nobre da sua cidade ou até quando é a melhor casa da rua. As lutas pela conquista do reconhecimento são de longa data, mas as estranhezas ainda perduram na comunicação, tratando da mulher negra quanto parte de um discurso de um corpo erotizado. Sueli Carneiro afirma que,

Se partimos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstróem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam  
posição central

na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra. Muito tem se falado a respeito das implicações dessas imagens e dos mecanismos capazes de promover deslocamentos para a afirmação positiva desse segmento (CARNEIRO, 2003. p. 8).

O feminismo tinha, quando em sua origem, como principal alvo almejar a solidariedade e desconstruir as relações sociais de poder imbricadas no gênero, porém, tratava as mulheres de forma homogênea, desconsiderando as diferenças que havia no universo feminino, pois

em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade (CARNEIRO, 2003. p. 4.).

O movimento feminista negro ganha ênfase na terceira onda do feminismo, construindo uma base em termos da experiência de gênero e raça. Ao mesmo tempo, enfraqueceu discursos neutros em relação ao gênero sobre o “negro”, afirmando as especificidades das experiências das mulheres negras (BRAH, 2006, p. 24). Anteriormente, havia por parte de mulheres brancas que uma tendência a negação do racismo e da diferença existente no universo feminino, se tratando da questão racial. Segundo alguns autores, as mulheres negras foram acusadas de ser traidoras por terem introduzido a questão de raça no movimento feminista (HOOKS, 2018, p. 71.).

Equivocadamente, as mulheres brancas, perceberam as novas direções do discurso feminista, quando o foco foi para além de gênero. A terceira onda do feminismo, trouxe as intersecções, exigindo um novo olhar objetivo para o status das mulheres negras e pautando uma compreensão realista para uma fundamentação realmente feminista. Nesta nova perspectiva, a intenção não era diminuir a visão do principal objetivo que se buscava, a igualdade de gênero.

Procurava-se sim, situar políticas concretas de solidariedade que possibilitariam uma homogeneidade

genuína. Com isso, a presença da sororidade floresce, abrangendo a esfera feminina, segundo HOOKS (2018), a sororidade feminista está baseada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma.

Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. É importante destacar que a sororidade jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder de dominação e exploração de grupos subordinados de mulheres. Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo. (HOOKS, 2018, p. 30).

O emergente protagonismo das mulheres negras, dirigido num primeiro momento pelo desejo de liberdade, pelo resgate de humanidade negada pela escravidão assume, num segundo momento, o caráter de emancipação de gênero: articulações nacionais de mulheres negras têm traçado novos cenários e perspectivas, buscando superar as perdas históricas. A forte presença da mulher negra nos espaços sociais ganha potência e representatividade. E, com as ações afirmativas, que funcionam como um mecanismo de inclusão social para a população negra, aumenta-se a presença das mulheres negras nas universidades; e, com isso, começa a ser diluído o peso sobre a mulher de um destino doméstico, fisiológico e psicológico relacionado a uma pressuposta inferioridade intelectual.

### **2.3 MECANISMO DE INCLUSÃO: A mulher negra no ensino superior público**

A partir do final do século XX, o ingresso em massa das mulheres nas universidades, marcou os países ocidentais. Hoje, no Brasil, elas já representam uma parcela significativa de matriculados nas universidades públicas federais. E, com as políticas de ações afirmativas, aumenta a presença de mulheres negras no espaço universitário. Nesse sentido as ações afirmativas em prol de compensar perdas históricas, dadas pela discriminação e marginalização, tem como objetivo descrystalizar as desigualdades que historicamente foram acumuladas e que refletem na subalternidade da população negra até os dias de hoje.

No Brasil, em abril de 2012, o Supremo Tribunal Federal decidiu pela constitucionalidade da adoção do sistema de cotas nas universidades públicas. Segundo Santos et al., (2013)

se a suprema corte reiterava a continuidade das decisões dos conselhos universitários, meses depois, o Congresso Nacional aprovaria uma lei pelo estabelecimento de cotas em todas as universidades públicas federais. E em 29 de agosto entraria em cena o Palácio do Planalto. A presidenta da República sancionou a lei 12. 711 estabelecendo cotas de no mínimo 50% das vagas das instituições federais para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Assim, a população negra começou, agora com mais frequência a ocupar espaços no meio acadêmico. As mulheres negras, grande parte oriundas de famílias de baixa-renda e com pais com pouca escolaridade, tendem a inserir-se no ensino superior público. Este processo de inserção no ensino superior, as desvia de um destino domesticado, o qual condena estas mulheres a engrossarem o exército de mão-de-obra feminina, concentrando nas piores ocupações do mercado de trabalho, do ponto de vista de remuneração. Para as mulheres negras, a possibilidade de ingressar em uma universidade pública e poder cursar o ensino superior consiste em uma estratégia que impede que a renda caia, impedindo que continuem alijando-as dos melhores postos de trabalho e invisibilizando a sua presença em determinados espaços sociais. As ações afirmativas, representa muito mais um mecanismo defensivo e inclusivo do que uma perspectiva de mobilidade social.

há também mecanismos de autodiscriminação, especialmente das mulheres negras, que são resultados de uma percepção de incapacidade para a competição mais acirrada no tocante ao ingresso na universidade e também para o desempenho eficiente de trabalhos técnicos (PEREIRA apud PARELLA, 2003).

Compreende-se então, que não basta assegurar o acesso das mulheres negras à educação, é preciso também cogitar e reorientar sua participação, permitindo sua formação em diversas áreas de conhecimento, inclusive as de maior

status social; do contrário se tenderá a convertê-las em mão-de-obra qualificada para setores que

já se encontram com elevada oferta e mal remunerados. Neste contexto, cabe perguntar-se que medidas políticas e sociais são necessárias para que todas as mulheres e, em particular, as mulheres negras extrapolem as limitações e os obstáculos de ingresso e permanência no espaço universitário público. Portanto, é de suma importância que sejam contornados um conjunto de óbices quanto ao respeito e valorização social, quando se trata da mulher negra.

### **3 METODOLOGIA**

Levando em consideração todo esse processo histórico, pensando a respeito da sensualidade, erotização e todo o processo de dominação ao qual as mulheres negras foram submetidas historicamente, foi realizada uma pesquisa na Universidade Federal do Pampa- (Campus de Itaqui e Campus de Uruguaiana); ambas cidades situam-se na fronteira- oeste do Rio Grande do Sul, região na qual a questão da subalternidade feminina diante do poder masculino ganha contornos acentuados; principalmente, quando se trata do município de Itaqui por ser considerada uma cidade excessivamente conservadora e tradicionalista, mantendo fortemente os costumes gauchescos, onde a postura do homem como chefe da família é dominante. E isto, de certa forma, interfere na intensidade da emergência do posicionamento feminino no município, visto que o pensamento machista também está impregnado em uma parcela significativa das mulheres Itaquenses.

Inicialmente, buscou-se efetivar uma revisão bibliográfica em torno da dominação histórica da mulher negra, sua condição subalterna, associando-se com o contexto regional. Buscou-se também, conhecer o processo de implantação das políticas de ações afirmativas no país e o cenário de inserção das mulheres negras na universidade.

Em um segundo momento, buscou-se junto a UNIPAMPA a lista das mulheres que adentraram no ano de 2019 na Universidade pelas cotas raciais nos campus de Itaqui e Uruguaiana. Assim, se teve disponível o acesso ao universo de pesquisas.

Utilizou-se de técnicas de pesquisa qualitativa; em consequência da dificuldade de realizar em um primeiro momento uma comunicação presencial, a opção foi utilizar um questionário via plataforma online, sendo enviado via e-mail para as alunas, incluídas no universo desta pesquisa, o qual é composto por vinte acadêmicas negras, sendo dez do campus-Itaqui e dez do campus-Uruguaiana; tais acadêmicas selecionadas são aquelas que ingressaram na Universidade Federal do



Pampa, via cotas raciais, autodeclarando-se pretas. Sabe-se da limitação do instrumento, mas considera-se que

a posição do pesquisador é de dominação, porém uma dominação camuflada, que tende a dar ao informante a impressão de que ele detém pelo menos alguma liberdade na condução da fala (QUEIROZ, p. 58-59, 1991).

As perguntas propostas tematizaram as percepções que essas acadêmicas negras têm em relação a sua identidade social; sua relação com a história da população negra; influência e lugar que ocupam dentro do espaço universitário; sua percepção em como se constituiu esse imaginário marginalizado em relação ao ser negro; sua percepção ao processo de dupla discriminação que a mulher negra enfrenta na sociedade. Todas participaram da pesquisa de maneira voluntária e não tiveram nenhum prejuízo ou ganho material, sendo-lhes facultado o direito de interromper a sua participação a qualquer momento.

#### **4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

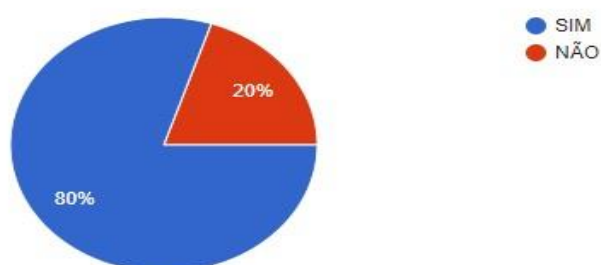
De modo a apresentar os resultados desta pesquisa acerca das concepções e das práticas que constituem a naturalização da subalternidade e erotização do corpo, sistematizou-se os dados da seguinte maneira: elaboração dos gráficos através de análise dos dados coletados por meio de perguntas de múltipla escolha; e, num segundo momento, uma sistemática observação sobre as respostas dadas aos questionamentos dissertativos. Assim, procura-se tecer uma comparação socioespacial de ambos os campus no qual a pesquisa foi realizada. Do universo da pesquisa (vinte acadêmicas) apenas onze contribuíram com a pesquisa, sendo sete do campus de Uruguaiana.

A partir dos questionamentos abordados, todas as alunas que contribuíram com a pesquisa, apresentaram 100% de aceitação de sua cor, e 70% responderam já ter sofrido algum tipo de discriminação em relação à sua cor dentro do espaço universitário; 80% das acadêmicas entrevistadas responderam já terem sido vítimas do olhar estereotipado onde seu corpo é visto de maneira maliciosa (visto como objeto sexual).

*“O corpo da mulher negra na sociedade é visto como fonte do prazer” (M. F. Itaqui).*

Em algum momento de tua vida você sentiu tratarem teu corpo de maneira maliciosa (visto como objeto sexual)?

10 respostas



As perguntas propostas tematizaram as percepções que essas acadêmicas negras têm em relação a sua identidade social; sua relação com a história da população negra; influência e lugar que ocupam dentro do espaço universitário; sua percepção em como se constituiu esse imaginário marginalizado em relação ao ser negro; sua identificação e aceitação de sua cor; e, sua percepção ao processo de dupla discriminação que a mulher negra enfrenta na sociedade.

*Cresci vendo o corpo negro como sendo ótimo para transar, ou ter um relacionamento curto, mas nunca sendo aquele com quem as pessoas têm preferência por “andar de mãos dadas no shopping”, a mulher negra sendo sempre preterida, o homem negro trocando as mulheres negras por mulheres brancas, estereótipos de que se você é negra tem que saber rebolar, sambar, ter uma bela bunda e boca carnuda, alisar o cabelo e etc. (A. C. Uruguaiana).*

Ao analisar as contribuições das acadêmicas do campus- Itaqui, compreende-se que as mesmas ainda não despertaram o interesse em olhar com estranheza as posições e insinuações que lhes são impostas, pois o espaço universitário de Itaqui

tem como predominância as ciências agrárias no que resulta em uma grande presença do público masculino no campus, o que contribui para a presença do machismo. Estas acadêmicas, diferente da participação e elaboração das respostas das acadêmicas de Uruguaiana, demonstram estar um passo atrás em relação ao empoderamento, ainda não compreendendo a necessidade de desconstruir a questão da subalternidade e erotização do corpo da mulher negra dentro do espaço Universitário.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção do referencial teórico auxiliou para o desenvolvimento desta pesquisa com as acadêmicas da Universidade Federal do Pampa - Campus Itaqui e Campus Uruguaiana contribuindo no sentido de desconstruir essas naturalizações que são impostas socialmente a respeito do corpo da mulher negra. Compreender que a mulher negra sofre diante de dois processos, o de dominação por ser mulher e o de marginalização por ser negra, é o passo inicial para desconstruir conceitos, os quais estão impregnados no imaginário social. Olhar o corpo da mulher negra como normal, é libertá-lo das amarras históricas que estão arraigados no imaginário social.

Para tanto, é preciso redefinir os horizontes de igualdade de oportunidades entre brancos e negros e entre homens e mulheres, estabelecendo políticas educacionais explícitas de inclusão racial e de gênero. Outrossim, é de suma importância que sejam levadas em consideração um conjunto de ações voltadas para a invisibilidade social em termos de prestígio e poder das qualificações específicas das mulheres negras, adquiridas através do processo de socialização. Com isso, talvez, se alcançará a verdadeira liberdade da mulher negra, quando a sua condição de raça e gênero não sejam apenas direcionadas diretamente a uma sensualidade imposta e imaginário que a reifica, nem a um acordo fundado na adoção de modelos que reiteram a subordinação feminina.

Por fim, esta pesquisa sobre a corporeidade e erotização da mulher negra nos espaços sociais, no caso da universidade, buscou compreender o contexto mais amplo em que emerge como fenômeno social. Assim, compreende-se que a presença da erotização e dominação no espaço universitário que estão cristalizados precisam, com urgência, ser desconstruído.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, R. J. **Corporeidade e epistemologia da complexidade: por uma prática educativa vivencial.** SiELO, v.45, n.5, p.15, 2019.

BRAH, A. **Diferença, diversidade, diferenciação.** Cadernos Pagu, v.26, n.7. p.48, 2006.

CARNEIRO, S. **Mulheres em movimento.** Estudos avançados, v.17, n.49, p.132, 2003.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016. p. 262.

Fernandes, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes”: uma difícil via crucis ainda a caminho da redenção.** Natal: Cronos. v. 9, n. 1, p. 247-254, 2008.

GIACOMINI, S.M. **Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação.** Estudos Feministas, v.14, n.1, p. 18, 2008.

HOOKS. B. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras.** In: **A sororidade ainda é poderosa.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. p. 28.

HOOKS. B. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras.** In: **Raça e Gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. p. 69.

MARTINELLI, A. GELEDÉS, 2019. **Feminismo precisa ser cuidadoso para não “perder sentido”, diz Patrícia Hill Collins.** Disponível em : < [https://www.geledes.org.br/feminismo-precisa-ser-cuidadoso-para-nao-perder-sentido-diz-patricia-hill-collins/?utm\\_source=pushnews&utm\\_medium=pushnotification](https://www.geledes.org.br/feminismo-precisa-ser-cuidadoso-para-nao-perder-sentido-diz-patricia-hill-collins/?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification) >. Acesso em: 27/10/2019.

MAUSS, M. **As técnicas corporais** In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 143.

PEREIRA, R. S. **Mulheres brancas e negras na universidade federal de mato grosso: a profissão fala.** IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. v.4. n.2 p-9, 2003.

QUEIROZ, M.I. P. **Variações sobre a Técnica de Gravador no registro da Informação Viva.** São Paulo: T.A Queiroz, p. 42.1991.

RODRIGUE, S.F.A. GELEDÉS, 2012. **Lutas em silêncio: mulhres negras e escravas foram reduzidas à condição de “máquinas vivas”.** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/lutas-em-silencio-mulheres-negras-e-escravas-foram-reduzidas-condicao-de-maquinas-vivas/>>. Acesso em: 17/10/2012.

SAMPAIO, A. P. M. **O corpo negro e suas representações sociais.** São Paulo: XI congresso brasileiro de sociologia- unicamp, 2003.

Santos. J. **O impacto das cotas nas universidades brasileiras (2004- 2012).** In: **Impacto das ações afirmativas na Universidade Federal de Santa Catarina.** Salvador: CEAO, 2013. p. 203.

SCHLESENER, AH. **As novas condições de subalternidade.** In: **Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, p. 135-149.

SOLNIT, R. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre novos feminismos.** São Paulo: Companhia das letras, 2017. p. 200.

SPINK, M. J. P. **The Concept of Social Representations in Social Psychology.** Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública. V.4, n.2, p.300-308, 1993.

## **APÊNDICES**

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA**

#### **BLOCO I – DADOS SOCIOBIOGRÁFICOS**

1. Nome
2. Cidade
3. Estado
4. Autodeclaração étnico- racial
5. Curso

#### **BLOCO II – PERGUNTAS DE MULTIPLA ESCOLHA**

1. Você se identifica com a sua cor?
2. Você já sofreu algum tipo de preconceito em relação a sua cor?
3. Em algum momento da sua vida, você sentiu tratarem o teu corpo de maneira maliciosa (visto como objeto sexual)?

#### **BLOCO III- PERGUNTAS DISSERTATIVAS**

1. Você já sofreu algum tipo de preconceito pelo fato de ser mulher negra? Gostaria de comentar sobre isso?
2. Alguma vez você participou de algum grupo ou movimento que reunisse mulheres negras?
3. Em relação ao teu corpo, você já teve ou tem algum problema de aceitação? Se teve, gostaria de comentar?
4. Como você vê a representação do corpo negro na sociedade?
5. Como você vê a representação do corpo negro no espaço universitário?

